CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 17/05/2022 - 05:56

Brasil precisa qualificar 9,6 milhões de pessoas para indústria até 2025

CONJUNTURA

Indústria terá que treinar 9,6 milhões

Qualificação de profissionais, novos ou já empregados, deverá ser feita até 2025 para atender os avanços tecnológicos no setor

» MARIA EDUARDA ANGELI*
» ISABEL DOURADO*

O Brasil precisará qualificar 9,6 milhões de pessoas em ocupações industriais até 2025. Desse total, 79% necessitarão de formação continuada (aperfeiçoamento), e 21%, de formação inicial. Os dados são do Mapa do Trabalho Industrial 2022-2025, levantamento realizado pelo Observatório Nacional da Indústria. O setor deve oferecer 497 mil novas vagas formais nos próximos quatro anos.

O estudo observa que o mercado de trabalho passa por uma transformação em decorrência do uso de novas tecnologias e mudanças na cadeia produtiva. A área em que o fenômeno pode ser observado com mais intensidade é de empregos transversais, que permitem ao profissional atuar em diferentes segmentos. Em seguida, aparecem metalmecânica, construção, logística e transporte, e alimentos e bebidas.

A especialista em Mercado de Trabalho da CNI (Confederação Nacional da Indústria) Anaely Machado explica que investir na qualificação de profissionais já inseridos nas empresas custa menos do que arcar com uma formação inicial. "Mas é mais uma questão de manter esses profissionais empregados. Com o avanço da tecnologia, o que você aprende no ensino superior não pode ser a última coisa que você estuda na vida, porque a realidade vai mudando. Então, essa qualificação não é para substituir a formação que você já tem, é um complemento."

Para Anaely, as empresas têm um papel tão importante quanto os funcionários na hora de buscar qualificação: "É algo que vem dos dois lados, até porque contratar novos funcionários, mais jovens, com uma formação mais recente não vai garantir que eles consigam suprir as demandas da empresa. Com o aperfeiçoamento contínuo, a produtividade aumenta, o que gera crescimento econômico lá na frente".

Giácomo Balbinotto, professor de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e especialista em mercado de trabalho, diz que a qualificação de profissionais nos próximos anos será fundamental para a retomada do crescimento econômico brasileiro e aumento da competitividade internacional.

"É um dos pilares que confere diferenciais e eleva a competitividade de qualquer empresa. Os funcionários em posições estratégicas vão aumentar significativamente a produtividade. Então, o investimento que as empresas fazem na qualificação e treinamento será fundamental", avaliou.

O aumento de exigências vem sendo observado na Bruning Tecnometal, do ramo de metalmecânica. O diretor da empresa, Reno Schmidt, disse que, para garantir que os funcionários estejam sempre atualizados, a organização tem trabalhado junto a instituições educacionais para aproximar os currículos escolares às demandas da indústria.

"Dentro de nosso centro de treinamento, desenvolvemos a universidade corporativa Bruning para qualificar os profissionais que estão sendo contratados e os que já fazem parte dos nossos quadros. Investimos R$ 3,3 milhões em 2021 somente em formação de profissionais. Temos visto movimentos semelhantes de outras empresas", afirmou.

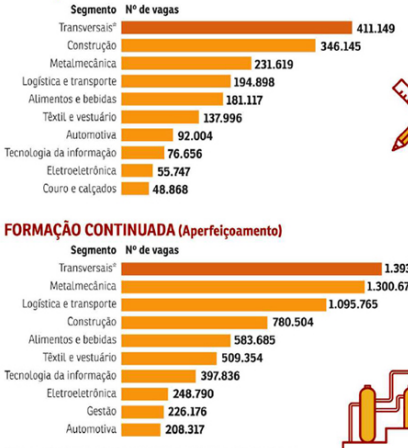
Lucas Costa, 23, dono da D'Lucca confeitaria também acredita que manter-se atualizado é essencial: "O mercado nunca é o mesmo, ainda mais para a indústria de alimentos, inclusive a confeitaria. Nós seguimos tendências, novas técnicas são criadas todos os dias e se atualizar é o melhor caminho, senão a gente acaba ficando para trás".

Ele conta que recentemente precisou contratar um novo funcionário e, durante o processo seletivo, notou que um dos candidatos não sabia fazer bolos condizentes com as tendências. "Vagas sempre terão, mas eu creio que o desemprego no Brasil é muito mais sobre a falta de capacitação do que a falta de oportunidade", pondera o empresário.

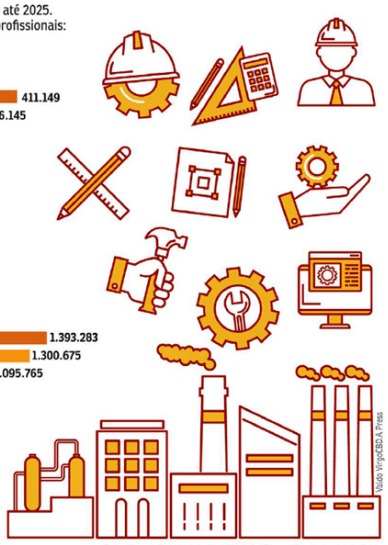
***Estagiárias sob a supervisão de Odail Figueiredo**

Gargalo

O setor industrial terá que qualificar 9,6 milhões de pessoas até 2025. Veja as áreas que terão maiores demandas de formação de profissionais:



*As ocupações transversais são aquelas que permitem ao profissional atuar em diferentes áreas, como técnico em segurança do trabalho, técnico de apoio em pesquisa e desenvolvimento e profissionais da metrologia, por exemplo.


Paulo Vitor/CB/A Press

Fonte: Mapa do Trabalho Industrial 2022-2025/Observatório Nacional da Indústria

Freio na China preocupa

As medidas restritivas adotadas na China para conter a nova onda da covid-19 têm reduzido fortemente a atividade econômica da segunda potência global. Em abril, as vendas do varejo sofreram um tombo de 11,1%, de acordo com números divulgados, ontem, pelo Escritório Nacional de Estatísticas. E a produção industrial recuou 2,9% na comparação com abril de 2021. As vendas de moradias desabaram 32,2% no primeiro quadrimestre em relação ao mesmo período de 2021. Já os investimentos, apesar de crescerem, reduziram o ritmo e o desemprego subiu para 6,1%.

Mesmo com esses dados preocupantes, parte do mercado tentou se animar com a reabertura gradual do comércio em Xangai, ontem. Pela manhã, em Nova York, o Índice Nasdaq, das empresas de tecnologia, operava no vermelho e fechou com queda acima de 1%. Enquanto isso, o Índice Dow Jones, das companhias da velha economia, ficou no azul e fechou com leve alta de 0,1%. Já o Índice Bovespa, principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), operou no campo positivo e encerrou o dia com a quarta alta consecutiva, contrariando o consenso de que a desaceleração da China, maior parceiro comercial do Brasil, será ruim para a economia brasileira. O Ibovespa encerrou o pregão de ontem com alta de 1,22%, a 108.232 pontos.

Commodities

"De fato, o sinal seria negativo, mas as commodities tiveram um início de semana positivo, mesmo com os números ruins da China. E a Bolsa vem esboçando uma reação desde a semana passada, corrigindo parte das fortes quedas recentes", explicou o economista Silvio Campos Neto, sócio da Tendências Consultoria. "Além das commodities, pode estar ajudando a percepção de que a economia local está um tanto melhor do que era avaliado até recentemente", acrescentou. Ele reconheceu, no entanto, que as perspectivas não serão animadoras para a economia brasileira se a China sofrer a desaceleração que o mercado está esperando, com o PIB crescendo de 2% a 2,5%, bem abaixo da meta de 5,5% prevista inicialmente pelo governo chinês.

"Os mercados se dividiram hoje. Parte preocupada com indicadores da China, enquanto outra olhou o copo meio cheio com a retirada de algumas restrições em Xangai", avaliou Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos. Segundo ele, a alta da B3 é explicada, em parte, devido à falta de mais indicadores do mercado. O Banco Central não divulgou os dados do boletim Focus, que tem as projeções macroeconômicas do mercado, nesta semana, por causa da greve dos servidores. (RH)

"Todos pagarão por inflação menor"

» ROSANA HESSEL

Diante do aumento das pressões inflacionárias em todo o mundo, que ganharam força com a guerra da Ucrânia, a tendência é de alta de juros no mercado global. E a sinalização do Banco Central do Brasil é de que é bem provável que a taxa básica de juros (Selic) pode subir "até quanto for necessário", porque "todos estão dispostos a pagar um preço maior para ter uma inflação menor".

"Estamos sendo cobrados para fazer o nosso trabalho, cumprir o nosso mandato. E não temos receio de persegui-lo. Vemos esse movimento de inflação implícita bem acima do padrão histórico também nos Estados Unidos e na Europa. Todos estão dispostos a pagar um preço maior para ter uma inflação menor", disse o diretor de Política Monetária do BC, Bruno Serra Fernandes, ontem, em evento organizado pelo Goldman Sachs.

Fernandes reconheceu que o desafio do Banco Central será conseguir entregar a inflação dentro da meta e saber calibrar a alta dos juros. "O cenário piorou e foi necessário estender o ciclo. E o tempo dirá se saberemos alongar o período de manutenção do juro alto a fim de entregar a inflação na meta. Mas ela (a decisão) precisa ser razoável, porque o risco de desaceleração é crescente. E esse é o desafio pela frente", afirmou.

Fernandes reconheceu que os dados de curto prazo mostram que a economia brasileira está surpreendendo as projeções pessimistas do mercado, mas, no segundo semestre de 2022, a tendência é de desaceleração, porque será o período em que os impactos do ciclo de alta da taxa Selic serão mais efetivos. "O lag da política monetária vai começar a atuar no segundo semestre. A taxa Selic passou para o nível contracionista em novembro de 2021", destacou Fernandes. "A partir do segundo semestre, a história é outra. Vamos ver a Selic impactando a atividade", frisou.

O diretor do BC reforçou que o horizonte relevante com o qual trabalha o Comitê de Política Monetária (Copom) é o de inflação na meta em 2023. O centro da meta atual, de 3,5%, já foi superado pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em abril, quando o indicador acumulou alta de 4,29% no primeiro quadrimestre. As estimativas do mercado mostram rompimento do teto da meta, de 5%, e indicam que, em 2023, quando ele passará para 4,75%, também será ultrapassado.

Reprodução/TVSenado

Bruno Fernandes: economia deve desacelerar no 2º semestre

De acordo com Fernandes, o Copom sinaliza que avalia duas alternativas para chegar à meta de inflação: subir os juros a um pico maior ou adiar o ciclo de baixa. "O ambiente é bastante incerto e a palavra cautela aparecem com muita frequência nos comunicados do Banco Central. A minha preferência é sempre a mesma flutuação da taxa básica, porque uma taxa mais estável por mais tempo é melhor. Mas nem sempre isso é possível", disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia **Pagina:** 7

Copyright © Clipclap 2025.